

DE OYO À BAHIA: A COSMOVISÃO AFRICANA EM UMA DAS MATRIZES DA RELIGIOSIDADE AFRICANA NO BRASIL

ELIANE COSTA SANTOS – liunawale13@yahoo.com.br

Bolsista do Programa Internacional de Pós-graduação FORD

Mestranda em educação Matemática - PUC SP

ELENICE DE SOUZA LODRON ZUIN – elenicez@pucminas.br

Professora da PUC Minas

Doutoranda em Educação Matemática – PUC SP

Esse artigo converge as idéias de uma educadora integrante da religião de matriz africana da Bahia, especialista em Educação e Racismo e técnica de formação do CEAFFRO Ba¹ (instituição a qual viabiliza esse projeto) com a de uma pesquisadora em História da Educação e profissional da educação. Ambas cientes da importância da valorização de todas as abordagens da cultura africana e dos afro-brasileiros nas escolas buscaram desenvolver um projeto no tocante a religiosidade Africana e Afro Brasileira para a formação de professores municipais do Ensino Fundamental no Estado da Bahia, podendo ser ampliada para o restante do país. O projeto procura dar uma contribuição para a execução das políticas públicas educacionais contidas na Lei 10639/03 que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas brasileiras. Esse artigo é um pequeno recorte do projeto.

Objetivo

Temos como perspectiva suprir a lacuna existente nas propostas pedagógicas contidas nos programas de execução da Lei 10639/03 que obriga o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nas escolas públicas brasileiras.

É nosso objetivo tratar, especificamente, da religiosidade africana para uma sala de aula no Brasil. Entendemos que falar hoje de religiosidade africana não é apenas discutir as

¹ Ceaafro é programa de Extensão do Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia e que tem por compromisso institucional enfrentar todas as formas de racismo e sexismo, para promover a igualdade de oportunidades entre negros e não-negros e entre mulheres e homens, por meio de ações educacionais.

religiões tradicionais Africanas - Iorubana, Akan, Banto, Dinca, Dogon, Fon, Ganda, Lovedu, Mbona, Mende, Nilótica, Nuer, Shilluk, Shona, Zande, entre outras - que existiam desde antes da invasão Europeia, visto que o continente africano, além dessa diversidade de religiões tradicionais, também tem outras a exemplo das protestantes, católica, islâmica.

Entretanto, para a proposta geral do projeto de pesquisa sobre religiosidade Africana do qual retiramos esse artigo, falamos apenas das religiões de culto tradicional e, relacionado a sua resignificação no Brasil falamos dos Candomblés em todas as nações . Como principio metodológico para composição desse artigo estaremos sendo ainda mais restritas: falamos um pouco da religiosidade tradicional Africana e referente a resignificação aqui no Brasil trataremos da cosmovisão africana dando ênfase a trajetória de um dos primeiros terreiros de Candomblé da nação Ketu .

Religiosidade africana

Religião é uma palavra portuguesa derivada do latim, *religio*. Ao que tudo indica, antes do cristianismo, *religio* retratava um estilo de comportamento marcado pela rigidez e pela precisão. Utilizada no contexto cultural da Europa, durante séculos, em virtude do cristianismo, o termo religião foi largamente usado. Porém, em outras civilizações não existia um termo equivalente à religião, como era adotado pelos europeus.

Nos cultos africanos, a idéia de religião, com muita frequência, contempla a existência de energias ancestrais que auxiliam os habitantes terrestres tendo influência ou poder de determinação no destino humano. Nesses cultos, há sempre: um mito de origem cósmica; os rituais, que possuem relações com a natureza; e os sacerdotes ou sacerdotisas, que são pessoas consagradas para tal função. Todas estas características reunidas constituem o que se denomina religião. Mais adiante, trataremos da resignificação deste termo dentro das concepções africanas adotadas no Brasil, no candomblé da nação Ketu.

Paraíso, inferno, pecado são termos constantes em muitas religiões no mundo, em especial o cristianismo. No entanto, estão fora dos dicionários das religiões africanas. Os adeptos da religiosidade africana cultuam os antepassados, privilegiando o respeito aos seus ancestrais² e sacralizam o presente.

² Antepassados podem ou não vir a ser ancestrais, porém todo ancestral, um dia, já foi um antepassado, seja em forma humana ou em forma natural (rios, árvores, mata, etc). (Oliveira, 2003, p. 67).

A maior parte dos elementos da natureza que formam a cosmovisão africana está no culto dos ancestrais.

Essa cosmovisão de mundo se reflete na concepção de universo, de tempo, na noção africana de pessoa, na fundamental importância da palavra e na oralidade como modo de transmissão de conhecimento, na categoria primordial da Força Vital, na concepção de poder e de produção, na estruturação da família, nos ritos de iniciação e socialização dos africanos e, é claro, tudo isso assentado na principal categoria da cosmovisão africana que é a ancestralidade. (Oliveira, 2003, 71).

O culto dos ancestrais está ligado a equidade. A diversidade é um ponto fundamental, demarcada pelo respeito às diferenças e pela inclusão de todos, diferentemente do que ocorre em algumas crenças ocidentais. Principalmente nas comunidades matrilineares da religiosidade Africana, a mulher tem um papel de destaque, como sacerdotisas assumem comandos políticos com voz e poder entre o seu povo. Essa importância vem do fato que a mulher tem um papel fundamental no no nascer e no partir dessa vida terrea .

“a mulher está relacionada com os grandes mistérios da vida e da morte, com a fertilidade, com a fecundidade, com as divindades. Com efeito elas participam mais intimamente dos mistérios da criação, porque elas mesmas são gestadoras. No continente africano, as mulheres mereceram o devido reconhecimento social e cultural, o que se reflete na cosmovisão africana.” (Oliveira, 2003, 69).

De OYO à Bahia

Bahia, Salvador... Palco importante para os africanos e afro-descendentes. É nesta cidade que os negros se reúnem e trazem as tradições africanas para o Brasil, tradições estas que ficaram para sempre arraigadas no solo brasileiro.

O processo de escravização do povo africano pelos europeus, em muitas nações, ceifou vidas, desestruturou reinados, núcleos familiares. No entanto, diante de todo o quadro caótico, a resistência dos filhos da África, não permitiu que se rompesse a sua mais forte essência: a relação com a ancestralidade. Em um país estranho- *terras Brasis* - sob a força do colonizador, os africanos abrem espaços na estrutura imposta e reconstituem o

seu universo cultural religioso – as táticas dos dominados comparecem na acepção *certauniana*.³

Os cultos religiosos praticados no Brasil, que aconteciam desde o século XVII, têm sido denominados “calundu colonial” – acepção tomada há aproximadamente duas décadas. Os rituais ocorriam nas casas, mas não eram simples cultos domésticos, uma vez que respeitavam um determinado calendário de festas, dos quais participavam um grande número de pessoas, inclusive os brancos.

Na África, cada Orixá era ligado a uma cidade ou a um país inteiro. Por exemplo, Sàngó (Xangô) cultuado em Oyó, Yemoja (Yemanjá) na região de Egbá, Ogún em Ekiti e Ondô, Òssun (Oxum) em Ijexá e Ijebu, Lógunnède (Logunedé) em Ilexá, Osàálà-Obàtálá (Oxalá) em Ifé, subdivididos em Osàlúfon (Oxalufan) em Ifan e Òságiyan (Oxaguian) em Ejigbô. Já no Brasil, o culto sofreu algumas alterações. Na resignificação religiosa de origem africana no Brasil, temos nos templos religioso – Terreiros - todos os Orixás cultuados no mesmo espaço.

Várias crenças africanas aportaram em terras brasileiras.

E o que aconteceu na Bahia? Dentre os vários cultos, de distintas linhagens originadas em diversas regiões africanas, está o candomblé, que se ramificou nas mitologias Yorubá, Fon e Bantu – grupos étnicos.⁴ Ocorreu uma divisão dos grupos, nas diversas regiões brasileiras, formando-se as *nações*, que se diferenciam entre si principalmente em relação às divindades cultuadas, as músicas, os toques do atabaque e a língua utilizada nas cerimônias rituais.

Para alguns historiadores o termo candomblé tem origem angolano-congolesa Kikongo, vem de *Ka + ndomblé*, significando “o costume do povo negro”. A essência do candomblé é um panteísmo personificado – deuses da natureza – em heróis históricos. Estes heróis são denominados *Òrìsàs* (Orixás) no território Yórubà, *Voduns* no território Fon e *Mukixes-Inkices* em território Bantu. Os Yoruba (*Iorubá*) estavam entre escravos pertencentes ao grupo dos Nagôs. Apesar de suas crenças e rituais serem semelhantes aos de outras nações do Candomblé, possuem suas peculiaridades.

³ Michel de Certeau (1994) trata das estratégias e táticas, indicando que os dominados têm as suas “armas” – as táticas – para driblar o poder.

⁴ Os Orixás da Mitologia Yorubá foram criados por um deus supremo, Olorun (*Olorum*) dos Yorubá; os Voduns, da Mitologia Fon, criados por Mawu, o deus supremo dos Fon; os Nkisis, da Mitologia Bantu, por Zambi, Zambiapongo, deus supremo e criador.

De acordo com os nagôs baianos, foi na Barroquinha, um bairro de Salvador, que um grupo de africanos fundou o primeiro candomblé de sua linhagem. O local escolhido foi, mais exatamente, atrás da igreja Nossa Senhora da Barroquinha. Anteriormente, os cultos ocorriam na residência de uma sacerdotisa filiada ao grupo, moradora da Barroquinha. As cerimônias rituais deixaram a residência para ocorrerem no lote atrás da igreja, se constituindo no terreiro.

1789 é o ano em que os escravos nagôs do reino Ketu⁵ local de onde teriam vindo os fundadores do *Ilê Axé Iyá Nassô Oká*, bem como a oficialização da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Martírios, em 1788. (Silveira, 2005).

Os primeiros escravos que chegaram à Bahia, vindos de Ketu. Nesse grupo também estavam pessoas da família real Arô. Estes foram

“capturados na cidade de Iwoyê, saqueada em janeiro de 1789 pelo exército do reino Daomé (atual República do Benin). A mãe do Aláketu Akibiorru, o rei então entronado era natural daquela cidade, que tinha relações rituais muito estreitas com a capital. Tudo indica que a primeira das fundadoras do candomblé da Barroquinha, Iyá Adetá, veio nessa leva de escravos provenientes de Iwoyê. Após cerca de novo anos de cativo, Iyá Adetá teria conquistado a alforria e ido morar na Barroquinha, onde fundou, no finalzinho do século XVIII, um culto doméstico a Oxossi na sua casa, semelhantes a alguns dos calundus coloniais...” (Silveira, 2005, p. 21).

O *Ilê Axé Iyá Nassô Oká*

O *Ilê Axé Iyá Nassô Oká* é um terreiro de candomblé, da nação Ketu, dos mais respeitados, popularmente conhecido como Casa Branca do Engenho Velho de Baixo. O nome *Ilê Axé Iyá Nassô Oká* é em homenagem à sua principal fundadora, Iyá Nassô, além de Iyá Detá, como já foi dito anteriormente e Iyá Kalá.

Iyá Marcelina foi a sucessora de Iyá Nassô. Posteriormente, com a morte de Iyá Marcelina, uma de suas filhas a Maria Júlia Figueiredo ficou como a substituta legal. A outra filha a Maria Julia Figueiredo foi fundar o *Ilê Axé – Terreiro do Gantois*. Posteriormente, assumiu a direção Ursulina de Figueiredo – Mãe Sussu. Após sua

⁵ Ketu é um território cortado em dois pela fronteira Nigéria-Benin. (Silveira,2005), sendo a religião iorubana derivada sobretudo da Nigéria.(Oliveira, 2003).

morte, novamente repetiu-se a história anterior. Sinhá Antonia era a substituta legal da mãe, porém não podia assumir a chefia do Candomblé. Desta forma, o lugar de Mãe ficou com Maximiana Maria da Conceição – Tia Massi. Epoca que é fundado um outro Ilé Axé – o *Opó Afonjá*. Tia Massi foi sucedida por Maria Deolinda – Mãe Oké e, mais tarde, Marieta Vitória Cardoso – Oxum Niké. Atualmente, a chefia da Casa é assumida pela filha legítima de Maria Deolinda: a Iyalorixá Altamira Cecília dos Santos, mãe Tata, senhora tão linda como seu orixá Oxum.



Foto do *Ilé Axé Iyá Nassô Oká*

O Terreiro da Casa Branca, localizado na Avenida Vasco da Gama s/nº, em Salvador, Bahia, tem um área aproximada de 6.800 m². A partir do dia 31 de maio de 1984 ocorreu o seu tombamento, se tornando o primeiro Monumento Negro considerado Patrimônio Histórico do Brasil. Porém já em 1982, o Terreiro havia sido tombado como Patrimônio da Cidade do Salvador.

Hierarquia no Candomblé

Em um terreiro de Candomblé na nação Ketu o cargo de maior autoridade é o de Iyalorixá -mulher - zeladora-dos-orixás, a “mãe de santo”) ou Babalorixá (homem – zelador dos Orixás, pai-de-santo) , que não se aplica aos Terreiros citados.

Existem terreiros em que a pessoa é escolhida para ser sacerdotisa (Yalorixá) através do jogo de Buzio podendo ser ou não da mesma linhagem sanguínea da fundadora - é o caso do *Ilê Axé Iyá Nassô Oká* , neste até a presente data não consta a iniciação de nenhum “filho de santo”, cabendo para os homens outras funções. Em outros terreiros a sucessora só pode ser uma pessoa da mesma linhagem consanguínea da fundadora, é o caso do Terreiro do Cobre um terreiro que segundo os relatos orais dos mais velhos, sua história remonta ao século XIX quando no final de 1889 se transferiu também da Barroquinha para o então Engenho Velho de Cima fundado também por uma filha de africanos da cidade de Kossô. Passa a ser dirigido, ainda no século XIX, pela Iyalorixá Flaviana Maria da Conceição Bianch, ela própria filha da africana fundadora. Por razões da tradição da Casa somente os descendentes consanguíneos podem dirigir espiritualmente o Terreiro, deste modo, depois de quase cinquenta anos decorridos do falecimento da Iyalorixa Flaviana Bianch assume o terreiro, no início da década de noventa, a sua bisneta Valnizia Pereira Oliveira – Mãe Val, uma mulher tão justa quanto seu orixá Xangô Ayra. Mãe Val é filha *Ilê Axé Iyá Nassô Oká* – Terreiro da Casa Branca do Engenho velho de Baixo. O Terreiro do Cobre além da sua história, tem uma relação de respeito e confiabilidade na comunidade onde a parte civil do mesmo desenvolve projetos sociais. Um outro cargo muito importante no candomblé Ketu é a Iyakekerê: mãe pequena do Terreiro, segunda sacerdotisa. A Iyakekerê do Terreiro do Cobre – mãe Té de Oxum, é bisneta da fundadora e também uma filha do *Ilê Axé Iyá Nassô Oká* – Terreiro da Casa Branca.

Outros cargos existentes no candomblé Ketu são: Babakekerê: pai pequeno do Terreiro, segundo sacerdote (não existe essa função nem na casa Branca nem no Cobre); Iyalaxé pessoa (mulher) que cuida dos objetos ritual; Agibonã: mãe que ajuda na iniciação ; Egbomi: pessoas mais velha , no geral tem mais de 7 anos de iniciada ; Iyabassê: mulher incumbida da preparação das comidas-de-santo , Iaô: filho-de-santo, já iniciada , abian: Novato; Axogun: homem responsável pelo sacrifício dos animais; Alagbê: homem responsável pelos toques dos atabaques; Ogan: tocadores de atabaques; Ajoie ou ekedi: cuida dos orixás.

Resistencia Negra

É preciso ressaltar, que implantar e manter um terreiros de Candomblé não era uma ação tranquila. Havia diversas perseguições por parte da Polícia. Na época da

República, o candomblé sofreu um grande golpe, sendo proibido de exercer as suas atividades. Nesta época estiveram subjugados à Delegacia de Jogos, Entorpecentes e Lenocídio. Com a luta e resistência dos adeptos, o candomblé foi ganhando notoriedade.

Essa resistência dos afrodescendentes, que faz parte da cosmovisão africana é que possibilitou as políticas públicas de ações afirmativas na educação brasileira e nos permite estar em sala de aula falando da cultura e religiosidade africana através da introdução da Língua Yorubá nos currículos do Ensino Básico nos colégios de rede pública de ensino da Bahia e dos Estudo da História afro Brasileira e Africana nas Escolas públicas brasileiras.



Rum, Rumpi, Lé - Atabaques usados nos rituais do candomblé Ketu

Considerações finais

A questão da religiosidade africana, presente entre nós, também faz parte da nossa cultura e deve ser abordada no espaço escolar. A escola contribui para o processo de construção de identidades e é seguindo esta concepção, dentro de uma educação plural, que se propôs o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que deve perpassar todas as disciplinas nas escolas públicas brasileiras. Ao tratarmos de um tema específico, o candomblé, nós procuramos contribuir para que as origens dessa religião possam ser discutidas em sala de aula. Vemos a cultura africana ser recriada no Brasil como forma de manter as suas tradições ancestrais e fazer frente aos colonizadores portugueses, práticas de resistência; às vezes, lutas silenciosas e veladas, que transcenderam tempos e espaços e se solidificaram, sobrevivendo até os dias atuais.

Palavras -chave: Educação, Religiosidade Africana, Candomblé.

Bibliografia e Referências Bibliográficas:

BAHIA, Prefeitura Municipal de Salvador. **Diretrizes curriculares para a inclusão da história e cultura afro-brasileira e africana no Sistema Municipal de Ensino de Salvador.** Salvador: Secretaria Municipal da Educação e cultura, 2003.

|CANDOMBLÉ Ketu. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Candomblé_Ketu>. Acesso em: 18 abr. 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Cosmovisão africana no Brasil: elementos para uma filosofia afrodescendente.** Fortaleza: LCR, 2003.

SILVEIRA, Renato de. Do calundu ao candomblé. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, a. 1, n. 6, p. 18-23, dez. 2005.